

Mulher Mukherista (1): comércio transfronteiriço a grosso e a retalho para todos os bolsos

By Inês Raimundo (2)

Contexto

O comércio transfronteiriço praticado na sua maioria por mulheres oferece uma oportunidade significativa de geração de renda para famílias, em particular, os agregados familiares chefiados por mulheres. Fazem parte deste grupo de mulheres aquelas que viajam por curtos períodos para comprar mercadorias para levar de volta para Maputo, cidade capital e abastecem comércio a retalho e a grosso; aquelas que trazem produtos para fornecer a um mercado seletivo ou de luxo, e fazem a distribuição dos mesmos em todo o país, e, por isso, são responsáveis pela criação e recriação de trabalhos ou empregos.

Os meios de transporte usados variam entre os terrestres (carro, autocarro e comboio), ou aéreos. Entretanto, nas últimas três décadas o comércio extravasou os limites da Região Austral da África, pois chega aos países do Médio oriente (Qatar e Emirados Árabes Unidos), China, Índia, Portugal e Brasil.

Se por um lado, o país tinha estas mulheres que faziam o negócio na região, por outro, havia as que faziam o comércio para um mercado seletivo: As assistentes de bordo, vulgarmente conhecidas por aeromoças. Elas trazem sapatos, bolsas, perfumes, carteiras, roupa feminina e mais tarde masculina, quinquilharias, vinhos, entre outros produtos exigidos por um público bastante seletivo, ou de elevada renda. Porém, este grupo não vai fazer parte da reflexão sobre o comércio transfronteira. Mas sim, vamos-nos debruçar sobre aquelas mulheres que tiveram a ‘ousadia’ de substituir o repolho³ por arroz, feijão, carnes (aves), ovos, e produtos da mais diversa natureza.

Ao nível do Governo de Moçambique e da Autoridade Tributária o comércio transfronteiriço é denominado como lesa economia por causa da fuga ao fisco e muitas vezes quando é praticado sem registo ou reconhecimento formal desta actividade. Porém, entre as mukheristas esta actividade é a fonte de renda dos seus agregados familiares, sobretudo pela incapacidade do Governo garantir emprego formal e pelos procedimentos impeditivos (burocracia e valores monetários elevados para o pagamento do registo da actividade, impostos anuais sobre a renda e dos produtos importados). Apesar destas narrativas, o comércio transfronteiriço é, acima de tudo, criador de trabalhos, e de uma cadeia de actividades que complementam esta actividade. Fazem parte destes trabalhos ou actividades os seguintes: motorista, angariadores de clientes, carregadores e descarregadores de

¹ É uma palavra que começou a ser usada e ficou popularizada para designar mulher que faz comércio transfronteira. Ela vem da compreensão da palavra inglesa então usada pela população do Reino de E-Swatini que no âmbito das facilidades de fronteira criadas nos anos 1980 a população *Swazi* podia introduzir os seus produtos na Fronteira de Namaacha, situada no sul da Província de Maputo que partilha fronteira com aquele reino. Assim os Swazi para reduzir os encargos aduaneiros pediam aos moçambicanos que se encontrava na fronteira o seguinte: *May you carry this bag?* Desta maneira os moçambicanos percebiam que como *mukhero*.

² Professora e Investigadora em exercício na Universidade Eduardo Mondlane.

³ Vulgarmente conhecido por “se não fosse eu”. Pois era o único produto disponível no mercado. A necessidade de variar a dieta levou aos cozinheiros e cozinheiras e inventar pratos a base do repolho. Deste modo surgiram aprendeu a fazer refogados de repolho, sopa de repolho, pastéis de repolho, salada de repolho.

produtos, reparadores de carrinhos de mão ou txovas⁴, restaurantes, boutiques, bottle stores, estações de serviço, prestadores de serviços de conta móvel (pagamento de vários serviços e transferências de dinheiro) incluindo telefonia móvel, vendedores de sobressalentes de veículos, e, sobretudo, pessoas que praticam comércio à grosso e à retalho. Esta atividade uniu o que literalmente se diz em Moçambique “Do Rovuma à Maputo e do Zumbo ao Índico”⁵, uma vez que a sua área de influência chega em todas as províncias de Moçambique.

Em Moçambique o negócio transfronteiriço, sobretudo praticado por mulheres começou de forma ténue nos anos 1980 quando a Cidade de Maputo ficou literalmente sitiada em decorrência da guerra dos 16 anos (1976-1992) que opôs a RENAMO⁶ e o Governo liderado pela FRELMO⁷. Com a falta generalizada de produtos alimentícios algumas mulheres⁸ decidiram enfrentar balas e rumar para o Reino de E-Swatini (na altura Reino da Suazilândia) para comprar pão, ovos, óleo, açúcar, sabão e farinha. Pois, conforme algumas mulheres entrevistadas o disseram faziam-no pelos seus filhos. Se não o fizessem os seus filhos morreriam. Deve-se, também, reconhecer que o acordo de facilidade de fronteira estabelecida na altura permitia que a população residente na Vila Fronteiriça de Namaacha pudesse atravessar a fronteira para fazer compras básicas e, foi desta maneira, que se abriu a janela para viagens mais regulares e ampliação da atividade.

Com o fim do Apartheid na África do Sul e da guerra dos 16 anos em Moçambique as mulheres tornaram esta atividade mais regular e mais consistente. Por outro lado, a partir do ano 2005 com a isenção de vistos de entrada assinados entre os Governos de Moçambique e da África do Sul e mais tarde com o do então Reino da Suazilândia o cruzamento de fronteiras ficou mais facilitado e, por isso, o alargamento da variedade de produtos introduzidos em Moçambique. Também, as mesmas mulheres não apenas trazem produtos destes países, mas também, levam de Moçambique para estes países onde realizam o comércio transfronteiriço. Esta atividade se tornou em uma verdadeira teia de aranha onde actuam vários intervenientes entre as mukheristas, os carregadores, agentes da Autoridade Tributária, Policia da Migração e Guarda Fronteira, comerciantes e público consumidor.

Como qualquer outra atividade esta actividade sofre impactos adversos associados a situação económica e militar de Moçambique como também, de crises sanitárias, nomeadamente a COVID-19. As restrições de circulação parciais (curfew⁹) ou completas (lokdown¹⁰) impostas durante a crise da COVID tiveram impacto negativo sobre esta atividade. Em consequência houve escassez de produtos e os preços dos produtos subiram drasticamente. Em contrapartida ao longo do ano as cidades moçambicanas, em particular de Maputo começam a registar um aumento de hortas familiares e produção agrícola em pequenas parcelas ao longo das áreas verdes. Esta situação

⁴ Palavra que na língua Changana, uma das línguas nacionais faladas no Sul de Moçambique significa empurrar.

⁵ Expressão usada em Moçambique em referência aos extremos dos limites territoriais de Moçambique. A norte de Moçambique encontra-se o Rio Rovuma que separa o país com a República Unida da Tanzânia e no Sul o Rio Maputo que separa o Reino de E-Swatini e a República da África do Sul.

⁶ Resistência Nacional de Moçambique.

⁷ Frente de Libertação Nacional de Moçambique.

⁸ Infelizmente não se tem memória de quem são elas e se ainda se são vivas. A causa disto tem a ver com facto de desde a sua origem serem perseguidas e serem catalogadas como ‘mulheres que praticam comércio ilegal, por isso, devem ser perseguidas e impedidas de praticar esta atividade que durante décadas tem sido a fonte de renda de muitas famílias que se viram sem meios de vida por causa da guerra e hoje pelo impacto das mudanças climáticas.

⁹ Recolher obrigatório.

¹⁰ Bloqueio ou limitações de saídas e entradas noutros países.

permitiu que os cidadãos de Maputo e cidades próximas voltassem à época de consumo de produtos produzidos localmente.

O empoderamento da mulher através do comércio transfronteiriço.

As mulheres são participantes importantes no comércio transfronteiriço do setor informal na África Austral. Através desta actividade para além de garantia da renda familiar através das vendas são responsáveis pelo abastecimento dos mercados internos (formais e informais). Embora pareça que a participação neste setor do comércio informal ofereça oportunidades para o empoderamento económico das mulheres, elas exercem a atividade em um ambiente cheio de muitos desafios que as colocam em situação de vulnerabilidade incluindo violência, doenças, roubos, enganar, perdas de mercadoria devido ao confisco pela Autoridade Tributária, entre outras vulnerabilidades. Também sofrem crises sanitárias que incluem infeções pelo HIV ou ainda pela Covid-19.

Em um estudo recente sobre “Qualitative research on Informal Cross Border Traders in Mozambique: The challenges of ICBT¹¹ association Associação Mukhero under COVID-19”¹² estudo realizado na Cidade de Maputo para o IDE-JETRO onde recolhi depoimentos de mukheristas e do presidente da Associação Mukhero ficou claro, que este comércio, é vital para as mulheres e suas famílias.

Através deste comércio as mulheres se sentem empoderadas pelo facto de garantirem renda para as suas famílias, expansão dos negócios pelo país, poderem construir suas habitações, garantir que seus filhos estudem até onde o ‘bolso’ de cada uma permite e, sobretudo, ao criarem uma corrente de pequenas atividades complementares às suas fronteiras. Elas se sentem empoderadas, porque o ‘empoderamento da mulher’ começa com a ‘emancipação financeira’.

Todos ralham, dão nomes depreciativos sobre a actividade *mukhero*, mas a actividade salva famílias

O comércio transfronteiriço é um dos grandes desafios nos processos de gestão dos movimentos das pessoas, na gestão de receitas aduaneiras e na segurança das pessoas em si envolvidas nesta actividade. Entretanto, quando se pensa e se fala no comércio transfronteiriço ou nas pessoas envolvidas que são, na sua maioria mulheres, há muitos preconceitos sobre elas e, por isso, vários rótulos que lhes são colocados pela sociedade. Olha-se de esguelha a mulher que realiza esta actividade, porque aos olhos de algumas pessoas elas exercem actividades ilícitas e usam meios fraudulentos para atingir os seus fins.

Estudos realizados no contexto do SAMP (Southern African Migration Programme) demonstram a grande vulnerabilidade destas mulheres que por circunstâncias diversas da vida foram obrigadas a enveredar por esta atividade. São sujeitas a assédios, são expostas a doenças, roubos e enganadas em todos os momentos e, elas, por razões de sobrevivência vão criando formas de ‘escapar’ ao meio hostil que estão sujeitas.

¹¹ ICBT- International Cross Border Traders.

¹² Institute of Developing Economies Japan External Trade Organization (IDE-JETRO)

Em uma das raríssimas ocasiões onde fiz entrevistas a mukheristas tive oportunidade de encontrar uma que me mostrou o seu diário¹³. O diário da mukherista. Onde ela conta a odisseia que passa desde em casa onde deixa os seus filhos aos cuidados de vizinhas, a travessia da fronteira, o assédio sexual que passa em todo trajecto de ir e vir até colocar o produto no mercado. Mas ao fim do dia, se sente feliz, porque garantiu o pão dos filhos e de muitas mais pessoas.

Não obstante este preconceito em um seminário realizado em janeiro de 2020 sobre a expansão dos supermercados e a sobrevivência do mercado informal onde estiveram representantes do Município de Maputo, investigadores, Presidente da Associação Mukhero e algumas mulheres mukheristas foi possível concluir que esta atividade constitui ‘salva vidas de muitas famílias, ao abastecer mercados informais, diversificar a dieta dos cidadãos e introdução de produtos altamente processados¹⁴, e são facilitadores de alguns comerciantes que não querem passar pelos desafios impostos pela importação de produtos.

Se por um lado são lesa economia ao fugirem ao fisco, por outro lado, os alimentos trazidos pelas mukheristas vieram destruir o consumo de produtos naturais, orgânicos e locais incluindo a fruta. Um dos inquéritos sobre Migração e Pobreza realizado na Cidade de Maputo mostra o aumento de doenças associadas aos alimentos consumidos e a estilo de vida urbano. As diabetes e doenças cardiovasculares são uma consequência do consumo elevado de alimentos cheios de sódio, gorduras e açúcar, a vida sedentária e o fraco consumo de alimentos orgânicos. Uma das grandes consequências são os encargos para serviços da saúde no tratamento de doenças evitáveis.

A Cidade de Maputo e tantas outras cidades de Moçambique cada vez mais precisam de alimentos acessíveis e disponíveis a qualquer hora. Será o comércio transfronteiriço a solução? Ou existem outros meios alternativos? Se durante a COVID-19 foi ‘possível sobreviver’ ao bloqueio, por que não investir cada vez mais na agricultura urbana?

¹³ Infelizmente não estou autorizada pela entrevistada a dar detalhes sobre o conteúdo do diário. Mas ficarei na essência do que ela escreveu.

¹⁴ Popularizaram o consumo de enchidos (*palone* e chouriços), *maionese*, óleos refinados, alimentos entlatados cheios de sódio, gordura e açúcar.